Uma 'Terceira Via' para o Estudo das Idéias Políticas: A *Vorstellungsgeschichte* como resposta aos problemas colocados pela Cambridge School of the History of Political Thought

A 'Third Way' for the Study of the Political Ideas: The *Vorstellungsgeschichte* as a reply to the questions presented by the Cambridge School of the History of Political Thought

Lukas Gabriel Grzybowski[1]
Doutorando em História - Universität Hamburg

Resumo

A história das idéias políticas é um ramo de investigações estabelecido desde, pelo menos, o século XIX. Em meados do século XX, contudo, ela passou a sofrer fortes ataques vindos dos novos desenvolvimentos da filosofia e da lingüística. Alguns historiadores buscaram incorporar aspectos desses avanços na pesquisa do pensamento político, criando assim a Cambridge School of the History of Political Thought. Hoje, anos após o auge daqueles debates, é possível notar que as propostas teóricas e metodológicas da Cambridge School criaram um verdadeiro entrave à pesquisa da história das idéias. Surgida na Alemanha ao mesmo tempo em que a escola inglesa, a Vorstellungsgeschichte se apresenta como uma 'terceira via' para o estudo do pensamento de épocas passadas. Baseando-se em uma revolução do paradigma historiográfico, ela propõe um novo olhar sobre o passado que vem complementar o conhecimento sobre as idéias dos homens de outras épocas e apresenta-se como solução a diversos problemas colocados pelos historiadores de Cambridge.

Palavras-chave: História das idéias políticas; Vorstellungsgeschichte; Cambridge School of the History of Political Thought.

Abstract

The history of political ideas is a research field established since at least the nineteenth century. In mid-twentieth century, however, it suffered strong attacks from the new developments in philosophy and linguistics. Some historians have sought to incorporate aspects of these advances in the study of political thought, forming the Cambridge School of the History of Political Thought. Today, years after those discussions, it is possible to see that many of the theoretical and methodological proposals, that the Cambridge School have created, became a real barrier to the research in the history of ideas. Arisen in Germany at that same time, the Vorstellungsgeschichte presents itself as a 'third way' for the study of the thought of past ages. Based on a paradigm shift, it proposes a new look to the past which seeks to complement the knowledge about the ideas of men of past times, and presents itself as a solution to various problems posed by historians of Cambridge.

Keywords: History of political ideas; Vorstellungsgeschichte; Cambridge School of the History of Political Thought.

● **Enviado em: 28/06/2012**
● **Aprovado em: 28/11/2012**

[1] Universität Hamburg. Bolsista do convênio binacional CNPq/DAAD

John Pocock escreveu há algum tempo "(...) good work done in a context of methodological confusion is in a sense done by chance, or by some coincidence of virtù and fortuna; it's done despite the available methods, and lacks the critical autonomy which comes only when the method is operating positively to produce the work."[2] Com a proliferação de teorias e metodologias para a pesquisa histórica das idéias, e em especial as idéias políticas, o pesquisador/estudante encontra-se envolto em um 'mar tenebroso', sem muitas vezes compreender sequer o conteúdo em discussão, quando o tema é metodologia. A resposta de muitos pesquisadores e estudantes para tal situação é um fechamento à discussão e uma abordagem neo-historicista, que tenta, através de uma redução radical ao conteúdo das fontes históricas, evitar as malquistas intromissões de teoristas e filósofos em seu *métier*. Tal resposta, contudo, não se mostra efetiva em longo prazo. Diante dos ataques oferecidos por lingüistas e filósofos pós-estruturalistas e pós-modernistas, procuraram responder aos desafios propostos por aqueles, elaborar uma nova metodologia para a pesquisa das idéias do passado. Dentre estes historiadores destacam-se as figuras de John Dunn, Quentin Skinner e John Pocock, que formaram o centro da chamada 'Cambridge School of the History of Political Thought', e cujas pesquisas mostraram um avanço significativo diante das posições muitas vezes agressivas de seus contendores.

Passados alguns anos desde os mais graves embates no campo das teorias da história, é possível realizar uma análise das contribuições, mas também dos prejuízos trazidos pela escola de Cambridge. Diante das solicitações mais recentes feitas à disciplina História, é preciso refletir novamente sobre o envolvimento das teorias pós-modernas e pós-estruturalistas na atividade histórica, e observar como o historiador lida hoje com os problemas colocados pela discussão acadêmica. Minha proposta é realizar um curto balanço da atividade de pesquisa hoje no campo da história das idéias, enfatizando as reflexões da escola de Cambridge, como um dos grupos com maior projeção atualmente neste campo acadêmico. Em seguida discutirei os pontos críticos dessa proposta metodológica e finalmente apresentarei algumas idéias que, acredito, apresentam soluções tanto à crítica da história das idéias em seu formato tradicional quanto aos problemas que a disciplina trouxe para si com a incorporação das propostas feitas pela Cambridge School of the History of Political Thought.

Inicialmente farei uma breve apresentação do histórico das pesquisas acerca do pensamento político – enfatizando o período medieval – a fim de que fique claro ao leitor quais as metodologias tradicionalmente se empregaram nas pesquisas acadêmicas, e que passaram a sofrer fortes críticas a partir de meados do século XX em meio ao turbilhão teórico provocado pelas propostas de

[2] POCOCK, John Greville Agard. *Politics, language, and time: Essays on political thought and history.* Repr. da Ed. New York, 1971. Chicago, Univ. of Chicago Press, 1989, p. 11.

filósofos, linguistas, antropólogos e sociólogos, e que afetaram diretamente o trabalho do historiador.

Segundo J. H. Burns existem duas formas clássicas de abordagem do tema do pensamento político pelos historiadores[3]. Por um lado uma abordagem biográfica, e por outro lado uma abordagem temática. Em virtude da discussão que aqui realizarei, interessa-me especialmente a abordagem temática do pensamento político, pois esta se envolveu mais diretamente nos embates teóricos que estão aqui em questão. Em relação à abordagem biográfica, farei comentários pontuais onde creio sejam estes relevantes. De modo geral, contudo, a discussão aqui apresentada refere-se a problemas presentes em ambas as abordagens da história das idéias políticas.

**

Desde o século XIX com a publicação da obra de Otto Von Gierke acerca do *Deutsches Genossenschaftsrecht*[4] (direito sobre associações) a abordagem temática do pensamento político medieval tomou força. O historiador alemão, naquele momento, buscava compreender um tema fundamental para explicar o desenvolvimento do pensamento político moderno na Alemanha em processo de unificação (a obra começou a ser publicada ainda em 1868). A terceira parte dessa obra foi traduzida em 1900 para o inglês por F. W. Maitland sob o título de *Political Theories of the Middle Age*[5], um título, a propósito, que se repetiria a partir de então, em pequenas variações, em diversos estudos. Dentre os trabalhos que se seguiram à publicação de Von Gierke destaca-se a obra dos irmãos Carlyle, publicada em seis volumes a partir de 1906[6]. Seguindo a tendência lançada pelo historiador alemão os ingleses optaram por um estudo de conceitos jurídicos como reflexo dos desenvolvimentos do pensamento político. Em sua obra vemos pela primeira vez temas como '*The source of Law'* e '*The theory of the divine right*'[7], que virão a marcar as pesquisas nas décadas

3 BURNS, J. H. "Introduction" In:. BURNS, J. H. (ed.). *The Cambridge history of medieval political thought: C. 150-c. 1450.* 1st ppbk. Cambridge, Cambridge University Press, 1991, p. 4.

4 GIERKE, Otto von. *Das deutsche Genossenschaftsrecht: Dritter Band: Die Staats- und Korporationslehre des Altertums und des Mittelalters und ihre Aufnahme in Deutschland.* Darmstadt, Wiss. Buchgemeinschaft, 1954

5 GIERKE, Otto von. *Political Theories of the Middle Age.* Cambridge, Univ. Pr, 1900

6 CARLYLE, Alexander J.; CARLYLE, Robert Warrand. *A history of mediaeval political theory in the West: Vol. I. The roman lawyers of the second century to the political writers of the ninth.* 3 ed. Edinburgh, Blackwood, 1950; CARLYLE, Alexander J.; CARLYLE, Robert Warrand. *A history of mediaeval political theory in the West: Vol. II. The political theory of the roman lawyers and canonists from the tenth century to the thirteenth century.* 3 ed. Edinburgh, Blackwood, 1950; CARLYLE, Alexander J.; CARLYLE, Robert Warrand. *A history of mediaeval political theory in the West: Vol. III. Political theory from the tenth century to the thirteenth.* 3 ed. Edinburgh, Blackwood, 1950; CARLYLE, Alexander J.; CARLYLE, Robert Warrand. *A history of mediaeval political theory in the West: Vol IV. Theories of the relation of the empire and the papacy from the tenth century to the twelfth.* 2 ed. Edinburgh, Blackwood, 1950; CARLYLE, Alexander J.; CARLYLE, Robert Warrand. *A history of mediaeval political theory in the West: Vol. V. Political theory of the thirteenth century.* 4 ed. Edinburgh, Blackwood, 1950; CARLYLE, Alexander J.; CARLYLE, Robert Warrand. *A history of mediaeval political theory in the West: Vol VI. Political theory from 1300 to 1600.* 3 ed. Edinburgh, Blackwood, 1950

7 Cf. BURNS, J. H. Op. Cit., 1991. (ver acima nota 3), p. 5.

subsequentes. A obra dos Carlyle também se centra em uma análise vinculada a uma perspectiva jurídico-constitucional do pensamento político medieval, e os conceitos formulados pelos irmãos apontam para uma sociedade na qual o poder é fruto da relação contratual[8] entre dominados e dominantes, indicando que no medievo vigorava fundamentalmente uma teoria ascendente[9] do poder régio, uma soberania concedida a partir das bases, conceito próximo ao do direito sobre as associações, defendido por von Gierke. Essa noção reflete majoritariamente conceitos modernos, associados à noção de monarquia constitucional, como esta veio a se desenvolver especialmente no universo europeu entre a época moderna e o fim do século XIX, contexto no qual os autores – tanto von Gierke quanto os irmãos Carlyle – estavam inseridos.[10] E embora diversos problemas a ela relacionados já tenham sido reconhecidos, tal perspectiva tem ainda grande influência sobre os estudos do pensamento político.[11]

Ullmann concorda com os irmãos Carlyle sobre a existência de uma teoria ascendente do poder régio. Porém critica a ênfase colocada nesse modelo – como também o faz Otto v. Gierke – em detrimento de seu antagonista, o modelo descendente do poder, o qual foi preponderante, para o historiador austríaco, no medievo ocidental desde a cristianização dos povos germânicos até ao menos o século XIII. A característica mais importante dos trabalhos de Walter Ullmann é o conceito que subjaz a sua abordagem do pensamento político medieval.

Já em suas primeiras obras o autor austríaco desenvolve a tese de que o pensamento político medieval se dividiria em duas teorias fundamentais, as quais ofereceriam toda a base de discussão teórica em termos de política no medievo. Ambas são teses político-filosóficas que partem da discussão da origem do poder.[12] Assim sendo, a primeira dessas teorias é a da origem ascendente do poder, também conhecida como teoria 'populista[5]. De acordo com Ullmann, nesse modelo as competências legislativas e de autoridade governamental estão localizadas junto ao povo, à comunidade. A essa tese, o historiador associa as formas germânicas de organização política anteriores à incorporação desses povos ao universo de influência romano e à sua subseqüente cristianização. "Since original power resided in the people, it was they who in their popular assemblies elected a war leader or a duke or a king, and the like. (...) He was said to represent the

8 A referência a este *topos* moderno é aqui proposital. Ela reflete a busca dos pesquisadores por associar aquilo que lhes é estranho a categorias do saber reconhecidas em seu meio. O problema gerado com esta prática será um dos pontos principais da crítica que esta historiografia receberá durante as gerações seguintes.

9 A nomenclatura 'teoria ascendente' – e seu oposto 'teoria descendente' – são conceitos explorados extensivamente por Walter Ullmann, que propagou em suas pesquisas esta terminologia. Veja abaixo página 3.

10 Vale lembrar que os irmãos Carlyle escreviam em um período marcado pelo Vitorianismo no Reino Unido e Otto von Gierke teve sua obra marcada pela unificação alemã sob a coroa prussiana e o subseqüente Gilherminismo.

11 BURNS, J. H. Op. Cit., 1991. (ver acima nota 3)

12 OAKLEY, Francis. *Politics and eternity: Studies in the history of medieval and early-modern political thought.* Leiden; Boston, Brill, 1999, pp. 29–33.

community and remained therefore accountable to the popular assembly."[13] A outra teoria, diametralmente oposta a esta primeira, é a chamada descendente. "Here original power was located in a supreme being which, because of the prevailing Christian ideas, came to be seen as divinity itself."[14] Nesse modelo, portanto, ao contrário do modelo ascendente, todo o poder provém de uma entidade metafísica e é delegado às autoridades 'governamentais', sendo que o poder se origina o mais distante possível da base popular. Na concepção de Walter Ullmann "The history of political ideas in the Middle Ages is to a very large extend a history of the conflicts between these two theories of government."[15] Enquanto na teoria ascendente elementos como consenso, representação, e cidadania estavam presentes, no segundo tema a fé substitui a noção de consenso, assim como surgem as noções de ofício delegado a partir da divindade, substituindo a noção de representação, e a figura do fiel vem substituir o cidadão[16]. Para Ullmann, o tema ascendente era mais perene, mais antigo, tendo existido durante a antiguidade na República romana e entre as monarquias eletivas das tribos germânicas, assim como no ambiente da polis grega.[17] O segundo tema aparece mais tarde, no início do período medieval, numa congruência de influências da teologia judaico-cristã e da prática política no período do principado romano, especialmente após a cristianização do Império, a partir do século IV, sob forte influência do aparato teórico das instituições eclesiásticas da nova religião. "This very strong ecclesiastical character of early political thought marked it of both from ancient – Greek and Roman – as well as modern political thinking."[18] Sobre a soma dessas características é que o historiador austríaco irá desenvolver toda a sua pesquisa envolvendo o tema do pensamento político medieval. É também por conta de sua fidelidade à sua tese que Ullmann será criticado por muitos historiadores, uma vez que, em sua busca por um grande modelo para explicar as idéias políticas no medievo ocidental, o autor acabou por deixar de prestar a devida atenção a casos singulares, além do fato de sua interpretação marcadamente hermenêutica por vezes falhar em reconhecer aspectos exteriores ao texto e ao método sobre eles aplicado para explicar estas diversas singularidades.

**

[13] ULLMANN, Walter. *A history of political thought: The Middle Ages.* Repr. with revisions ed. Harmondsworth, Middlesex, Penguin Books, 1970, p. 12.
[14] ULLMANN, Walter. Op. Cit., 1970. (ver acima nota 13), p. 13.
[15] ULLMANN, Walter. Op. Cit., 1970. (ver acima nota 13), p. 13.
[16] OAKLEY, Francis. Op. Cit., 1999. (ver acima nota 12), p. 29–30.
[17] OAKLEY, Francis. Op. Cit., 1999. (ver acima nota 12), p. 30.
[18] ULLMANN, Walter. Op. Cit., 1970. (ver acima nota 13), p. 14. também em OAKLEY, Francis. Op. Cit., 1999. (ver acima nota 12), p. 30.. Em sua obra mais recente Francis Oakley critica duramente este conceito, o qual ele acredita ter se tornado quase um axioma dentro dos estudos do pensamento e da teoria política, de que a Idade Média constitui um período intermediário desconexo do período clássico e do período moderno. Mais adiante esta crítica será apresentada em maior detalhe. OAKLEY, Francis. *Empty bottles of gentilism: Kingship and the divine in late antiquity and the early Middle Ages (to 1050).* New Haven, Yale University Press, 2010, p. x.

Ao mesmo tempo em que Walter Ullmann estava no auge de sua produção intelectual, uma nova crítica às metodologias das ciências humanas e sociais era lançada da parte dos lingüistas e filósofos ligados às teorias da comunicação. Surgia naquele momento o que viria a ser conhecido como o *linguistic turn*, e a História (a disciplina acadêmica) seria uma das maiores afetadas pelas propostas desse movimento intelectual. No ambiente das pesquisas a respeito das idéias políticas, a resposta veio de um grupo de pensadores vinculados à universidade de Cambridge. A estes – Quentin Skinner, John Dunn e John Pocock para citar os mais destacados – costumou-se chamar de Cambridge School of the History of the Political Thought.

Fugindo da proposta analítica da hermenêutica tradicional, os autores envolvidos com a Cambridge School buscaram incorporar em sua metodologia as considerações mais recentes do chamado *linguistic turn*. Este consistia em um novo ponto de vista em relação ao texto. Dentre algumas de suas propostas estão a compreensão do texto dentro de um contexto lingüístico que envolve inumeráveis variantes, sendo que o texto deixa de apresentar um caráter estático universal e passa a ser inserido num ambiente de representações e trocas de significados. Em suas versões mais extremas, propõe-se que o texto é uma entidade autônoma, independente do enunciador e do enunciatário, e viva no ato interpretativo, que passa a ser entendido como construção singular ao processo de interpretação, não mais vinculado aos atores presentes no 'ato de fala'. Desse modo, falava-se de uma 'morte do autor'.

Tal proposta, da forma extrema como colocada, representou em seu momento um duro golpe à ciência histórica de forma geral, e em especial para a história das idéias. Embasada especialmente nos resquícios escritos do passado, a ciência histórica viu-se tolhida de sua principal fonte material[19], sobre a qual ela – ao menos desde a institucionalização da disciplina acadêmica – embasava todo seu trabalho. O avanço que a escola de *Annales* apresentou em suas reflexões a respeito do papel do historiador e suas influências sobre o processo de construção do conhecimento histórico já apontava para o fato de que o historiador, enquanto intérprete dos textos analisados, tinha um papel ativo na transmissão do conhecimento histórico, enquanto intermediário – assim como as próprias fontes o eram – entre *res gestae* e *narratio rerum gestarum*. Essa proposta, contudo, não excluía do texto como fonte de informações sobre o passado, que poderiam ser adquiridos através do trabalho analítico do historiador, o que o chamado *linguistic turn* defendia. Esta corrente dos estudos lingüísticos negava a possibilidade de se obter reais informações sobre o passado através dos textos, pois seria impossível recuperar quaisquer elementos do fato passado

[19] As fontes ainda estavam presentes, eram resquícios materiais do passado. Seu conteúdo, ou melhor, a capacidade de compreensão desse conteúdo nos moldes até então defendidos pelos historiadores é que foi tomada à disciplina histórica. A metodologia aplicada ao trabalho de pesquisa foi contestada em seus elementos mais fundamentais. A história como era até então conhecida, perdia sua validade, e todo o conhecimento do passado até então desenvolvido era negado, tido como um equívoco, ou mesmo mera ficção.

através de uma narrativa. O texto enquanto entidade independente era incapaz de conter – e transmitir – o 'autor' em seu conteúdo, tornando impossível distinguir ente *res gestae* e *narratio*. A situação se tornava ainda mais complicada com a idéia de que o conhecimento histórico se tornaria impossível mediante o uso do texto, pois esse consiste em uma narrativa e sendo assim seria independente de seu autor, e perderia sua almejada objetividade e seu caráter de ciência.

Este golpe atingiu os historiadores das idéias de modo mais pesado, especialmente por conta da própria natureza da história das idéias. Esta encontrava nos próprios textos seu objeto de análise. As narrativas não seriam o meio pelo qual o historiador chegaria aos dados a serem analisados[20], mas sim o próprio objeto de análise - o texto escrito tido como depositário direto do pensamento de seu autor, o vestígio material que permitiria ao historiador acesso quase direto às idéias de uma época. A história das idéias cria ser possível, fazendo uso de uma análise hermenêutica do texto escrito, encontrar os elementos que caracterizavam o pensamento de um autor e/ou época. As propostas radicais surgidas no âmbito do *linguistic turn*, contudo, negavam aos historiadores a possibilidade de se aproximar das ideologias presentes no passado por meio do texto escrito. Esta 'proibição', por assim dizer, do papel intermediador do texto ameaçava a própria existência de uma história das idéias, senão da ciência histórica como um todo. Diante dessa ameaça é que alguns historiadores se propuseram ao debate com os filósofos e lingüistas, e lançaram uma nova abordagem teórico-metodológica para o estudo da história das idéias, em específico das idéias políticas, a partir de meados da década de 1960. Cada um desses autores citados – assim como outros vinculados ao grupo, mas não citados neste artigo – desenvolveu pesquisas de modo diferente, mas usando como base teórica os mesmos pressupostos, oriundos das críticas realizadas no âmbito do *linguistic turn*.

**

Quentin Skinner critica a postura tradicional dos estudos da história das idéias a partir de suas duas vertentes principais. Por um lado o grupo que defende a pesquisa baseada somente no texto analisado, buscando no mesmo os chamados "(...) ›elementos atemporais‹ em forma de ›idéias universais‹ ou mesmo ›sabedoria atemporal‹ de ›aplicabilidade universal‹ (...)"[21]. Skinner vê nesse tipo de abordagem um problema bastante sério,

> "Pois se em uma dessas investigações a única preocupação é identificar as 'perguntas e respostas atemporais' nas 'grandes obras', e provar com isso sua

[20] Aqui me refiro à postura tradicional, de abordar as narrativas históricas, as fontes, como meios pelos quais o historiador poderia alcançar os 'fatos' históricos.

[21] „(…)›zeitlose Elemente‹ in Form ›universaler Ideen‹ oder sogar ›überzeitliche Weisheiten‹ von ›universaler Anwendungsmöglichkeit‹ (…)"SKINNER, Quentin. "Bedeutung und Verstehen in der Ideengeschichte" In:. MULSOW, M.; MAHLER, A. (eds.). *Die Cambridge School der politischen Ideengeschichte.* Orig.-Ausg., 1. Berlin, Suhrkamp, 2010, p. 22–23. tradução livre.

> relevância perene, então não somente pode o historiador, mas deve, é obrigado, a concentrar-se somente naquilo que os clássicos disseram acerca desses 'conceitos fundamentais' e 'questões eternas'"[22]

E "(...) que cada pesquisa que se restringe àquilo que um autor clássico diz corre sempre o risco de se emaranhar em absurdos históricos"[23]. Esse chamado absurdo histórico poderia ser até certo ponto reduzido à noção de anacronismo, enquanto a ameaça talvez mais constante no trabalho do historiador, em especial do historiador das idéias, que, no intuito de acessar o conteúdo do texto analisado, força a sua compreensão a partir de categorias filosóficas ou discursivas que não estavam acessíveis ao autor do texto, e, portanto, não poderiam ter influenciado o pensamento do autor no momento da composição de sua obra. Tal interferência deve então ser encarada como uma interferência moderna, que não corresponde ao real sentido do texto analisado. É uma falha na análise do historiador a partir de sua própria abordagem metodológica defectiva e, portanto, constitui um 'absurdo' nos termos de Skinner.

Risco maior, contudo, o autor identifica na ação de historiadores que, no intuito de encontrar os grandes temas nas obras analisadas, garimpam o texto em busca de um conceito que o autor 'deveria apresentar'. Neste caso, em grande parte o risco se encontra na busca de enquadrar o autor em uma corrente de pensamento sua contemporânea, a despeito das evidências reais disso no texto analisado. Os historiadores tecem, então, uma colcha de retalhos de proposições desconexas e marginais nos textos analisados a fim de ali encontrar a contribuição do personagem analisado às 'grandes questões'. Skinner questiona essa abordagem, pois

> "se todos esses autores quisessem formular todas as teorias a eles aparentemente atribuídas, por que então eles não o fizeram de modo claro, aberto, demonstrativo, de modo que o historiador é forçado a reconstruir suas intenções implícitas a partir de suposições e indicações vagas? A única resposta plausível a esta questão elimina obviamente qualquer fundamento da própria afirmação, a saber, que o autor não queria de fato formular tal teoria ou ensinamento, e mesmo sequer poderia vir a formular tal teoria."[24]

---

22 „Denn wenn es in einer solchen Untersuchung nur darum geht, die ›zeitlosen Fragen und Antworten‹ in den ›großen Werken‹ aufzuspüren und damit deren durchgängige Relevanz nachzuweisen, so kann sich der Historiker nicht nur, sondern er muss sich ausschließlich auf das konzentrieren, was die Klassiker zu diesen ›fundamentalen Konzepten‹ und ›immerwährenden Fragen‹ *gesagt* haben." SKINNER, Quentin. Op. Cit., 2010. (ver acima nota 21), p. 23. tradução livre.

23 „(…) dass jede Untersuchung, die sich auf das beschränkt, was ein klassischer Autor *sagt,* immer Gefahr läuft, sich in historischen Absurditäten zu verstricken" SKINNER, Quentin. Op. Cit., 2010. (ver acima nota 21), p. 26. tradução livre.

24 „Wenn all diese Autoren angeblich die ihnen zugeschriebenen Lehren formulieren wollten, warum haben sie dies dann so demonstrativ nicht getan, dass der Historiker ihre impliziten Absichten aus Vermutungen und vagen Andeutungen rekonstruieren muss? Die einzig plausible Antwort entzieht selbstverständlich der Behauptung selbst jeglichen Boden: nämlich, dass der Autor eine solche Lehre eben nicht formulieren wollte, ja nicht einmal hätte formulieren können." SKINNER, Quentin. Op. Cit., 2010. (ver acima nota 21), p. 30. tradução livre.

Essa forma de investigação histórica Quentin Skinner qualifica como o 'mito da teoria', uma idéia fantasiosa e equivocada, de que grandes teorias permeiam o plano de fundo das idéias políticas, e que cada teoria específica surge a partir de sua interação com essa 'entidade' maior.

Skinner aponta para diversas formas de abordagem do conteúdo histórico a partir dessa crença e conclui "A primeira forma do Mito da teoria consiste então em considerar quaisquer observações ou expressões de um teorista clássico falsamente como se fosse seu grande ensinamento, ou contribuição ao tema, o que o historiador por conta de seu próprio caráter intelectual e mental espera."[25] Entende-se, portanto, que nesse caso trata-se não de uma pesquisa que parte dos dados contidos nas fontes para então se chegar às teorias que em determinado período ou determinado autor estavam presentes, mas sim um processo inverso, em que o historiador já apresenta *a priori* certa concepção daquilo que pretende encontrar nas fontes, concepção que parte não do período ou autor a ser estudado, mas de seu próprio tempo e suas próprias convicções – como apresentado para o caso das obras de von Gierke e dos irmãos Carlyle.[26] O perigo do anacronismo acaba dessa forma se concretizando no trabalho historiográfico. Uma significativa variante desse fenômeno é a crença de que determinado autor deva ter se expressado ou ao menos deva ter alguma opinião a respeito de textos, teorias ou fenômenos contemporâneos sobre os quais ele de fato não se expressou em sua obra[27] – nesse caso o perigo se repete. E pela mesma razão outra variação, ou mito, é a crença de que um autor obrigatoriamente apresenta uma coerência interna em seus escritos, que abrange toda a sua obra. Em outras palavras, o autor é imutável em suas convicções político-teóricas, e isso deve ser confirmado através de seus escritos – seja necessário para isso tanto ignorar obras incoerentes como imaginar uma coerência inexistente através das mais absurdas proposições. Desse modo forma-se "(...) um mito no sentido em que uma história compilada segundo esse método contém somente com muita dificuldade alguma representação qualquer sobre o pensamento, ou as idéias, que de fato foram pensados no passado"[28]

**

25 „Die erste Form des Mythos der Lehre besteht also darin, irgendwelche verstreuten oder zufälligen Bemerkungen eines klassischen Theoretikers fälschlicherweise für seine ›Lehre‹ zu einem der Themen zu halten, die der Historiker aufgrund seiner *mentalen Prägung* erwartet." SKINNER, Quentin. Op. Cit., 2010. (ver acima nota 21), p. 33. tradução livre.

26 É importante sempre ressaltar que uma análise posterior nos permite verificar os (pré-)conceitos que marcaram a produção destes autores, os quais, contudo, criam estar seguindo uma metodologia aceita e com isso seguindo a almejada objetividade dos estudos históricos. Devemos estar cientes que o caso presente não é diferente e que no futuro as reflexões atuais a respeito da história das idéias políticas poderão sofrer o mesmo tipo de crítica que hoje se lança a estes trabalhos clássicos.

27 SKINNER, Quentin. Op. Cit., 2010. (ver acima nota 21), p. 33.

28 „(…) einem Mythos in dem Sinne, dass eine nach dieser Methode verfasste Geschichte schwerlich irgendwelche historischen Darstellung von Gedanken enthalten kann, die tatsächlich in der Vergangenheit gedacht wurden." SKINNER, Quentin. Op. Cit., 2010. (ver acima nota 21), p. 46. tradução livre.

A análise textual, contudo, não é a única forma de produção da história das idéias em prática. Concomitantemente um grupo cada vez maior de pesquisadores, em especial os historiadores, reconhece os perigos acima mencionados e como contraponto ao modelo da análise textual tem se tornado comum a chamada análise contextual.[29] Neste tipo de abordagem o pesquisador, por partir da premissa de que o autor de uma obra responde a questões e estímulos presentes em seu ambiente, enfoca o contexto social, político, intelectual, religioso etc. que deu origem à obra, pois

> "se está então correto afirmar que a compreensão de uma idéia exige a compreensão de todas as possibilidades e atividades nas quais e sobre as quais um Ator (ato de fala) poderia ter utilizado determinada formulação, então ao menos uma parte dessa compreensão precisa consistir em compreender um tipo de sociedade para a qual um Autor escreveu e à qual ele queria convencer."[30]

Skinner identifica, então, nessa segunda metodologia uma significativa vantagem em relação à análise textual, ao menos no que se refere ao problema do anacronismo oriundo da desconsideração do contexto no qual o texto se insere, segundo ele, comum naquele método de pesquisa. Este método, contudo não é livre de falhas e

> "embora, como eu já coloquei, uma investigação do contexto social pode eventualmente auxiliar na compreensão de um texto, o pressuposto básico do método contextual, ou seja, que as idéias de um texto podem ser compreendidas nas categorias do contexto social em que o texto se insere, é comprovadamente errado e serve, portanto, não como guia para a compreensão, mas como fonte de confusões generalizadas na história das idéias."[31]

Com sua crítica também à pesquisa de base contextual na história das idéias Quentin Skinner acaba por excluir ambas as até então existentes práticas historiográficas em relação às idéias. Para o professor britânico então "quem se concentra exclusivamente sobre Texto ou sobre o contexto social para determinar o significado de um texto, não será capaz de identificar alguns dos

---

29 SKINNER, Quentin. Op. Cit., 2010. (ver acima nota 21)

30 „Wenn es denn stimmt, dass das Verstehen einer Idee das Verstehen aller Gelegenheiten und Aktivitäten erfordert, bei denen ein Akteur die entsprechende Formulierung verwendet haben könnte, dann muss ganz offensichtlich zumindest ein Teil solchen Verstehens darin bestehen, eine Art von Gesellschaft, für die ein Autor schrieb und die er überzeugen wollte, zu erfassen" SKINNER, Quentin. Op. Cit., 2010. (ver acima nota 21), p. 70. tradução livre.

31 „Obwohl, wie ich schon eingeräumt habe, eine Untersuchung des sozialen Kontextes das Verständnis eines Textes möglicherweise *unterstützen* kann, ist die Grundannahme der kontextuellen Methode, dass nämlich die Ideen eines Textes in Kategorien des sozialen Kontextes zu verstehen sind, erwiesenermaßen irrig und dient folglich nicht als Leitfaden zum Verständnis, sondern als Quelle weitverbreiteter Verwirrungen in der Ideengeschichte." SKINNER, Quentin. Op. Cit., 2010. (ver acima nota 21), p. 73. tradução livre.

problemas mais complexos em relação às condições de compreensão de textos - quem dirá então solucioná-los."[32]

Para Skinner, então, assim como para outros membros da escola de Cambridge, os métodos tradicionais de pesquisa do pensamento político apresentam falhas fundamentais, que impediriam um resultado positivo no desenvolvimento de uma pesquisa histórica. Para estes historiadores uma solução possível seria a incorporação de elementos defendidos pelo *linguistic turn* em sua base teórica, a fim de afastar os citados problemas. Cada autor da escola de Cambridge encontrou em seus trabalhos formas diferentes de realizar essa assimilação teórica. Skinner centrou-se na busca por uma resposta para a pergunta 'o que o autor pretendia ao dizer o que disse da forma em que disse?'. A partir de técnicas de análise do discurso e fundamentos teóricos da lingüística ele crê ser possível chegar a uma interpretação dos significados mais próxima do provável intencionado pelo autor. Uma plena compreensão, contudo, ele mesmo defende ser impossível. Pocock, por sua vez, acredita ser possível decifrar os conteúdos do pensamento político a partir do momento em que o historiador decifrar a linguagem, o verdadeiro conteúdo lingüístico presente nas expressões do pensamento. Ambos autores desenvolveram, então, cada qual com base em seus pressupostos, uma vasta literatura a respeito do pensamento político no período moderno. Sua influência, contudo ultrapassou os limites temporais de seus objetos e uma forte crítica foi também lançada aos historiadores do pensamento político medieval.

**

Hoje, passadas algumas décadas desde os embates mais violentos em torno de uma teoria e uma metodologia de pesquisa da história das idéias políticas é possível observar também as falhas da abordagem da Cambridge School of the History of Political Thought, e se coloca em questão a validade de muitas das críticas lançadas pelos teóricos pós-estruturalistas e pós-modernos, sobretudo àqueles vinculados ao chamado *linguistic turn*.

Um dos maiores críticos da Cambridge School em relação às idéias políticas é Francis Oakley. Profundo conhecedor da literatura a respeito do pensamento político medieval e moderno, segundo ele, os historiadores de Cambridge interpretaram muitas vezes erroneamente as propostas de outros teóricos, especialmente daqueles que, como ele, acreditam em uma abordagem contextual das fontes como ferramenta válida, senão a mais válida para uma correta compreensão do

[32] „Wer sich entweder ausschließlich auf den Text oder auf den sozialen Kontext konzentriert, um die Bedeutung eines Textes zu bestimmen, wird nicht in der Lage sein, einige der schwierigsten Probleme bezüglich der Verstehensbedingungen von Texten zu erkennen – geschweige denn, sie zu lösen" SKINNER, Quentin. Op. Cit., 2010. (ver acima nota 21), p. 80. tradução livre.

pensamento político. O historiador britânico concorda com diversas críticas lançadas pelos adeptos do *linguistic turn* no que se refere à análise das fontes medievais a respeito do tema do pensamento político, mas acredita que as soluções apresentadas por historiadores como Quentin Skinner e John Pocock são demasiado radicais e, em seu radicalismo, acabam por minar um avanço positivo no desenvolvimento de uma metodologia para a história das idéias políticas. O excesso de teorização dos escritos da Cambridge School of the History of Political Thought levou seus adeptos a um distanciamento das realidades pesquisadas, segundo Oakley, o que leva ao perigo das abstrações na história, sem um embasamento nas próprias fontes, o que deve ser interpretado como um erro, por fugir dos objetivos da ciência histórica: o conhecimento a respeito do passado - opinião compartilhada por outros historiadores do pensamento político.[33]

A proposta teórico-metodológica de Fancis Oakley, contudo, não escapa do problema colocado pela crítica a uma história do pensamento político realizada a partir de uma perspectiva contextual. Oakley apresenta um avanço dessa metodologia em relação aos estudos mais tradicionais, e uma resposta aos ataques da Cambridge School, especialmente quando aponta para o fato de que em grande parte aqueles historiadores estão, apesar de seu esforço na delimitação de uma teoria e metodologia adequada às exigências feitas pela filosofia e pela lingüísitca, igualmente sujeitos aos problemas que criticam. O contexto da análise de Fancis Oakley não se restringe ao conceito simplificado que este termo carrega, mas baseia-se nas reflexões de Arthur Lovejoy[34], o qual defende que na história das idéias é preciso admitir a existência de dois contextos operando simultaneamente. Por um lado um contexto transversal, como o aspecto mais comumente reconhecido sob o termo 'contexto', o ambiente em que a idéia surgiu, e seu relacionamento com outras idéias suas contemporâneas. Por outro lado um contexto longitudinal, que observa o desenvolvimento de determinada idéia em relação à sua historicidade, como parte de um processo histórico derivado de idéias anteriores e que servirá de base para idéias futuras a ela. Para Oakley o contexto refere-se a estas duas dimensões, sendo que a idéia investigada encontra-se na intersecção destas duas dimensões contextuais. Um modelo similar apresenta-nos C. S. Lewis em relação às investigações da literatura medieval. Para este professor de Oxford e Cambridge a investigação da literatura medieval deve levar em conta dois tipos de contexto para a caracterização de uma obra

[33] Cf. OAKLEY, Francis. Op. Cit., 1999. (ver acima nota 12), especialmente os capítulos 1 e 5; OAKLEY, Francis. *Omnipotence, covenant, & order: An excursion in the history of ideas from Abelard to Leibniz.* 1. publ. ed. Ithaca, Cornell University Press, 1984, especialmente o capítulo 1. Outros historiadores que concordam com a posição de Francis Oakley são NEDERMAN, Cary J. *Lineages of European political thought: Explorations along the medievalmodern divide from John of Salisbury to Hegel.* Washington, DC, Catholic Univ. of America Press, 2009, que expressa as mesmas idéias no capítulo 2. Vale ressaltar, contudo, que Cary Nederman discorda de Oakley em outros aspectos da pesquisa. Antony Black concorda com a posição de Oakley em suas obras anteriores cf. BLACK, Antony. *Political thought in Europe: 1250 - 1450.* Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1992. Em seus trabalhos mais recentes o historiador britânico afastou-se da discussão.

[34] Cf. OAKLEY, Francis. Op. Cit., 1984. (ver acima nota 33)

literária, que de modo similar a Lovejoy, se estendem por um lado de modo sincrônico, por outro, de modo diacrônico sobre o tempo.[35]

Essa resposta às propostas metodológicas da Cambridge School of the History of Political Thought, conquanto seja válida, falha em escapar da armadilha teórico-metodológica posta por seus críticos ao tentar estabelecer sua argumentação sobre o mesmo paradigma historiográfico que as abordagens tradicionais, e, como procurei apresentar, também a própria pretensa alternativa – as teorias de Skinner, Pocock e demais – o fazem. Uma vez constatado este fato é possível afirmar que somente com uma real mudança no paradigma historiográfico que subjaz às pesquisas do pensamento e das idéias no passado será possível encontrar uma real alternativa ao problema proposto pela filosofia e a linguística, levando a um possível salto qualitativo no que se refere ao conhecimento do passado. É justamente a esta mudança de paradigma que um grupo de historiadores alemães desafia seus pares com o desenvolvimento da chamada 'Vorstellungsgeschichte'.

**

Como visto, ocorreram a partir da década de 1960 inúmeras discussões a respeito da história das idéias, especialmente a história das idéias políticas, que tentaram incorporar às teorias e metodologias da história das idéias os mais recentes desenvolvimentos das ciências humanas e sociais. Neste processo, contudo, os modelos de aproximação aos eventos passados permaneceram invariáveis, fundamentando-se ainda sobre a história factual e a história estrutural. Os embates ocorreram dentro de um *setting* já estabelecido dentro da ciência histórica, o qual somente de modo muito restrito foi desafiado. Discutia-se – e discute-se ainda – ao fim e ao cabo sobre os problemas surgidos durante as pesquisas em vista das diferentes metodologias e teorias aplicadas na análise histórica, problemas que, em última análise, envolviam o questionamento não do *modus operandi* dos historiadores, mas da confiabilidade ou preferência d'uma ou d'outra teoria. Pouquíssimos historiadores propunham pensar a história fora das fronteiras da história factual e/ou estrutural.

Como alternativa a ambas formas de aproximação às "realidades passadas" – para empregar o termo apresentado por Hans-Werner Goetz[36] – desenvolveu-se na historiografia alemã uma 'terceira via' para abordar o passado: a chamada Vorstellungsgeschichte.

---

35 Cf. LEWIS, Clive S. *The discarded image: An introduction to medieval and Renaissance literature.* Canto ed. Cambridge, UK, Cambridge Univ. Press, 2007

36 GOETZ, Hans-Werner. "„Vorstellungsgeschichte": Menschliche Vorstellungen und Meinungen als Dimension der Vergangenheit: Bemerkungen zu einem jüngeren Arbeitsfeld der Geschichtswissenschaft als Beitrag zu einer Methodik der Quellenauswertung" In:. GOETZ, H.-W., et al. (eds.). *Vorstellungsgeschichte: Gesammelte Schriften zu Wahrnehmungen, Deutungen und Vorstellungen im Mittelalter.* Bochum, Winkler, 2007, p. 8.

> "As idéias ou ideologias e as mentalidades humanas tem-se chamado de 'terceiro nível' da observação histórica, as quais de fato não conseguem sequer ser compreendidas em consonância com os fatos oriundos de ações humanas nem com as estruturas que baseiam estes fatos, mas do contrário descrevem as 'superestruturas ideológicas' destes, e oferecem, conquanto fossem conscientes, à História e às relações temporais a visão de mundo daquela época, a 'percepção'".[37]

A Vorstellungsgeschichte parte então de um novo tipo de pergunta e busca alcançar com isso resultados distintos daqueles da história estrutural e factual. Diferentemente dessas formas de conhecimento histórico, a Vorstellungsgeschichte não se detém aos aspectos tangíveis do passado, mas centra-se nas idéias que os indivíduos do passado tinham de seu meio, suas visões de mundo. [38] Para isso ela apresenta um novo modelo de aproximação às fontes históricas, em especial em relação às chamadas 'fontes narrativas', pois o autor das fontes analisadas, que até então era visto dentro da 'crítica das fontes' como um obstáculo[39] para se chegar às informações sobre o passado, passa a ser o centro da análise histórica. Já não se procura mais descobrir 'o que aconteceu', mas 'como os contemporâneos perceberam e processaram este ocorrido'. [40]

> "A 'Vorstellungsgeschichte' dirige-se [...] ao próprio compositor da fonte e pergunta por suas impressões, percepções e julgamentos sobre o passado, pela opinião e pelas atitudes de certo individuo afetado, ou seja, (ela pergunta) a um contemporâneo envolvido nos acontecimentos e estruturas a respeito de seu ambiente. [...] Ela não quer mais então penetrar até a realidade passada no sentido da História 'tradicional', mas investiga como essa realidade (objetiva) ocorre na visão subjetiva dos seus contemporâneos". [41]

---

37 „Als eine ‚dritte Ebene' historischer Betrachtungsweisen hat man die menschlichen Ideen oder Vorstellungen und die Mentalitäten bezeichnet, die tatsächlich weder mit handlungsorientierten Ereignissen noch mit den diesen zugrundeliegenden Strukturen zu erfassen sind, sondern deren ‚ideologischen Überbau' beschreiben und, soweit sie bewusst waren, die damalige Sicht, die ‚Wahrnehmung', der Zeitverhältnisse und der Geschichte bieten." GOETZ, Hans-Werner. *Proseminar Geschichte: Mittelalter.* 3., überarb ed. Stuttgart, Ulmer, 2006, p. 328.. Tradução livre.

38 GOETZ, Hans-Werner. Op. Cit., 2007. (ver acima nota 36)

39 „[…] die seit dem 18. und 19. Jahrhundert angewandte Quellenkritik sucht - neben der Frage der Echtheit - vor allem die „Tendenz" des Zeugnisses zu erfassen, um eine wichtige Fehlerquelle, die Verzerrung historischer Inhalte durch die persönlichen Anschauungen und die subjektive Einflußnahme des Quellenverfassers auf seinen Bericht, nach Möglichkeit auszuschalten."GOETZ, Hans-Werner. Op. Cit., 2007. (ver acima nota 36), p. 3–4.

40 „Sie fragt also: 'Wie hat der Zeitgenosse das Faktum X gesehen?' (wobei X ebenso Ereignis wie Struktur sein kann)." GOETZ, Hans-Werner. Op. Cit., 2007. (ver acima nota 36), p. 8.; „Leitfragen: Wie sahen Menschen früherer Zeiten sich selbst? Wie sahen und beurteilten sie ihre Lebenswelt?" GOETZ, Hans-Werner. Op. Cit., 2006. (ver acima nota 37), p. 328.

41 „Die 'Vorstellungsgeschichte' wendet sich […] an den Verfasser der Quelle selbst und fragt nach dessen Eindrücken, Auffassungen und Urteilen über die Vergangenheit, nach der Stellungnahme und Einstellung eines betroffenen, nämlich in den Ereignissen und Strukturen befangenen Zeitgenossen zu seiner Umwelt. […]Sie will also nicht mehr bis zu der vergangenen Wirklichkeit im Sinne der 'traditionellen' Geschichtswissenschaft vordringen, sondern untersucht, wie sich diese (objektive) Wirklichkeit in der subjektiven Sicht der Zeitgenossen abgespielt hat." GOETZ, Hans-Werner. Op. Cit., 2007. (ver acima nota 36), p. 8.

Como coloca Helmut Beumann, a Vorstellungsgeschichte se aproxima das fontes narrativas a partir de uma nova postura, que não observa a narrativa como um meio através do qual o historiador moderno pode chegar às informações acerca do passado, mas elas mesmas como o objeto a ser investigado em sua completude.[42] Desse modo o pesquisador se aproxima do autor da fonte e de suas perspectivas em relação ao passado, e os fatos e/ou estruturas recuam ao segundo plano na investigação, dando espaço para a compreensão do homem do passado em uma nova dimensão, uma dimensão criada pelo homem do passado para o homem do passado, e que para isso utiliza-se do lugar-comum das concepções e visões de mundo desse passado. E a pesquisa pode ser ainda mais ousada "[...] quando se pergunta ao mesmo texto a respeito da postura do seu autor a respeito dos problemas e condições políticas, jurídicas, sociais, religiosas, eclesiásticas e intelectuais de sua época". [43] A fonte narrativa não representa somente um relato seco e muitas vezes impreciso do passado, mas passa a ser vista como "[...] auto-interpretação de uma época"[44].

O texto mesmo assume um novo status dentro das propostas dessa metodologia, pois

> "[...] mais que um simples papel de um veículo imperfeito para a transmissão de notícias históricas, ele é o espaço privilegiado para as discussões intelectuais dos indivíduos de certa época com a realidade que os cerca, e a manifestação daqueles sempre renovados esforços de determinar o próprio ambiente histórico com base no passado, de trazer a tradição histórica para o presente e interpretar este com ajuda daquela."[45]

O autor do texto desempenha então um papel fundamental no processo de transmissão do conhecimento histórico. Ele está presente em seus escritos na medida em que ali assenta suas percepções e suas visões de mundo em relação ao seu presente e passado. Ele representa, contudo, não somente a si mesmo, mas ao grupo a que pertence, e no medievo a sua maioria é oriunda das elites sociais. "Com eles [os textos] expressou-se aquele grupo social, em cujas mãos a liderança política se assentava [...] [eles] não somente escreveram textos de história, mas também a

---

42 BEUMANN, Helmut. "Die Historiographie des Mittelalters als Quelle für die Ideengeschichte des Königtums" In:. BEUMANN, H. (ed.). *Ideengeschichtliche Studien zu Einhard und anderen Geschichtsschreibern des frühen Mittelalters.* 2. Darmstadt, Wiss. Buchges, 1969, p. 42.

43 „[…] wenn man den gleichen Text nach der Stellung des Verfassers zu den politischen, staatsrechtlichen, sozialen, religiösen, kirchenpolitischen und geistigen Problemen und Verhältnissen seiner Zeit befragt."BEUMANN, Helmut. Op. Cit., 1969. (ver acima nota 42), p. 42.

44 „[…] Selbstinterpretation des Zeitalters […]"BEUMANN, Helmut. Op. Cit., 1969. (ver acima nota 42), p. 42.

45 „[…]weit über eine bloße Rolle eines unvollkommenen Vehikels für historische Nachrichten hinaus ist sie der zentrale Ort für die geistige Auseinandersetzung des Zeitgenossen mit der ihn umgebenden Wirklichkeit und der Niederschlag jener immer wieder erneuerten Bemühungen, den eigenen geschichtlichen Standort auf dem Hintergrund der Vergangenheit zu bestimmen, die geschichtliche Tradition an die Gegenwart heranzuführen und diese mit Hilfe jener zu deuten."BEUMANN, Helmut. Op. Cit., 1969. (ver acima nota 42), p. 42.. Goetz também cita este trecho como uma das reflexões centrais que sustentam a Vorstellungsgeschichte. GOETZ, Hans-Werner. Op. Cit., 2007. (ver acima nota 36)

fizeram."[46] Tendo isso em mente o historiador moderno passa a ter acesso ao pensamento e às ideias do homem do passado. Ele pode investigar tanto o pensamento do indivíduo que compôs o texto, quanto as mentalidades do grupo a que este indivíduo pertence. Essa proposta está ainda plenamente de acordo com as mais modernas definições do que vem a ser história. "Uma 'Vorstellungsgeschichte' não reconstrói o passado em sua facticidade, mas o passado enquanto a 'realidade processada pelos indivíduos seus contemporâneos'. Uma vez que cada vez mais hoje se define a 'História' como a imagem do passado de cada época, nesse sentido uma 'Vostellungsgeschichte' lida de fato com 'a História de épocas passadas'."[47] Uma história das idéias produzida sob tais considerações metodológicas tem muito a oferecer para a construção do conhecimento histórico.

**

Uma vez que esta metodologia procura compreender o pensamento dos homens do passado é inegável a sua vantagem para o estudo de temas como o pensamento político – assim como de outras expressões do pensamento humano.[48] Tendo isso em mente, e considerando o fato de que a Vorstellungsgeschichte, em princípio, por seu próprio caráter abrange um vasto espectro de fontes, que são as fontes narrativas, é possível chegar à conclusão de que esta proposta é capaz de oferecer preciosas compreensões a respeito dos modos de pensar dos homens do passado, e desta forma as pesquisas realizadas sob esta proposta metodológica vêm complementar um importante aspecto do conhecimento histórico que até então era pouco investigado.[49] Apesar da historiografia anteriormente apresentada preocupar-se diretamente com o pensamento no passado, a história das idéias tradicional parte dos pressupostos de uma história factual ou estrutural para alcançar seus

46 „Mit ihnen ist also jene Gesellschaftsschicht zu Wort gekommen, in deren Händen die Politische Führung lag. […] [sie] haben nicht nur Geschichte geschrieben, sondern auch gemacht."BEUMANN, Helmut. Op. Cit., 1969. (ver acima nota 42), p. 44–45.

47 „Eine 'Vorstellungsgeschichte' rekonstruiert nicht die Vergangenheit in ihrer Faktizität, sondern die Vergangenheit als die 'verarbeitete Wirklichkeit des Zeitgenossen'. Da man 'Geschichte' heute zunehmend als das Vergangenheitsbild der jeweiligen Gegenwart definiert, behandelt eine 'Vorstellungsgeschichte' in diesem Sinn tatsächlich 'die Geschichte vergangener Zeiten'."GOETZ, Hans-Werner. Op. Cit., 2007. (ver acima nota 36), p. 5–6.

48 Goetz defende a idéia, à qual eu subscrevo, de que „[…]grundsätzlich aber bleibt der Ansatz nicht auf Fragen beschränkt, die dem „Politischen" verhaftet sind, sondern er läßt sich, wie zahlreiche Untersuchungen beweisen, auf andere Bereiche übertragen, die an „Ideen" interessiert sind, seien sie historiographischer oder theologischer, gesellschaftlicher oder gar naturwissenschaftlicher Art. Kurz, er ist anwendbar auf alle Fragen, die die historischen Tatbestände nicht in ihrem objektiv abgelaufenen Geschehniszusammenhang zu erfassen trachten, sondern ihre Filterung „im Spiegel der Quellen" zum Gegenstand haben, also die Ideen, Ansichten, Vorstellungen der Menschen vergangener Zeiten untersuchen und hier nicht länger lediglich Vorarbeiten für eine Quelleninterpretation leisten, sondern – über den quellenkritischen Ansatz hinaus – in den Vorstellungen der Quellenverfasser ihr eigentliches Erkenntnisziel sehen." GOETZ, Hans-Werner. Op. Cit., 2007. (ver acima nota 36), p. 4–5.

49 Goetz aponta para este fato em GOETZ, Hans-Werner. Op. Cit., 2007. (ver acima nota 36)

resultados, o que a conduz a deter-se sobre as fontes que se lhe apresentem como depositários do pensamento de épocas passadas. Ela detém-se a investigar as obras compostas especificamente para a transmissão do pensamento, as obras filosóficas e teológicas, os tratados, obras cujo objetivo principal é apresentar de forma sistemática e organizada as idéias em torno de determinado tema. Centrando-se nestes fenômenos, a historia tradicional é levada a ignorar outras formas de transmissão das idéias, a saber, as idéias e visões de mundo que são transmitidas de forma (por vezes) não propositada em meio à comunicação entre os seres humanos. A Vorstellungsgeschichte investiga justamente as idéias, visões de mundo, percepções dos sujeitos do passado a respeito de seu próprio ambiente, presente e passado, espelhadas nas expressões do pensamento e cristalizadas no universo da comunicação/transmissão de idéias. Ela coloca-se como uma terceira via para a interpretação do passado[50], que não se detém nos métodos e teorias da história tradicional factual ou estrutural[51], mas também não se propõe a substituí-los[52]; é uma via complementar que, a partir de novas perguntas[53], pretende fornecer novos conhecimentos sobre o passado e, dessa forma, enriquecer nossa visão de história.

Em relação à história do pensamento político esta nova proposta abre um leque de possibilidades que até então eram ignorados pela historiografia. Especialmente para épocas como a Idade Média primordial onde há uma escassez de fontes a serem investigadas de modo geral, e especialmente sob a perspectiva da história tradicional, a Vorstellungsgeschichte pode tornar-se uma ferramenta eficiente para a investigação das idéias políticas – e das idéias de modo geral.

50 „Sie […] repräsentiert gleichsam einen dritten Bereich der vergangenen Wirklichkeit und eine neue (dritte) Art geschichtswissenschaftlicher Betrachtung mit eigenen Methoden und Ergebnissen.“ GOETZ, Hans-Werner. Op. Cit., 2007. (ver acima nota 36), p. 6.

51 „Sie erschließt weder Fakten noch Strukturen, sondern das zeitgenössische Verständnis von Geschichte […]“ GOETZ, Hans-Werner. Op. Cit., 2007. (ver acima nota 36), p. 6.

52 „Vorstellungen nun umgreifen zwar nicht einen völlig anderen Bereich, denn sie können sich durchaus auf dieselben Ereignisse und Strukturen beziehen, verlagern aber den Schwerpunkt der Fragestellung, indem sie die Person, den zeitgenössischen Interpreten, in den Mittelpunkt stellen und dessen Reflexion und Äußerungen zu seiner Umgebung oder zu einzelnen Teilfragen wiedergeben.“ GOETZ, Hans-Werner. Op. Cit., 2007. (ver acima nota 36), p. 7.

53 „Eine 'Vorstellungsgeschichte' entwickelt also einen anderen Frageansatz.“ GOETZ, Hans-Werner. Op. Cit., 2007. (ver acima nota 36), p. 7.